

ENSINO, SAÚDE E AMBIENTE

Diálogos com a Educação Ambiental desde el Sur a partir da “fotoescrivência”: possibilidades para pensar a formação em Ciências Biológicas

“Photowriting experience” dialogues with Environmental Education desde el Sur: possibilities for thinking about learning in Biological Sciences

Louise Maciel Salis¹; Dalma dos Santos Ricardo²; Janaína Pessanha Patrocínio³; Paolo de Castro Martins⁴; Bárbara Pelacani⁵; Rafael Nogueira Costa⁶

¹ Bacharel em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: louisemsalis@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-2109-7513>

² Escritora, Professora e Contadora de história. Diretora do Memorial Machadinho, Quissamã/RJ. Idealizadora e Coordenadora do Projeto Flores da Senzala desde 2015. Desenvolve ações educativas junto com os contadores de história, griôs, e os mestres do Jongo, especialmente Leandro, o mestre do tambor e seu Tidi, o griô mais antigo da comunidade. E-mail: dalmadossantosricardo@gmail.com

³ Jovem líder quilombola da Machadinho, Quissamã/RJ. Desenvolve ações educativas no Projeto Flores da Senzala. E-mail: janaina.uenf@gmail.com

⁴ Pesquisador do Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – GEASur, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UNIRIO, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: martins.paolo2@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7723-7845>

⁵ Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no programa EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: barbara.pelacani@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9349-0632>

⁶ Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil – E-mail: rafaelnogueiracosta@gmail.com / ORCID <https://orcid.org/0000-0003-2790-5742>

Palavras-chave:
educação ambiental;
educação popular;
universidade; diálogo de saberes.

RESUMO: O artigo discute a experiência da disciplina Educação Ambiental oferecida para os cursos de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Questiona a ausência de saída de campo e de metodologias inovadoras no ensino de Ciências Biológicas. Dialoga com a “escrevivência” de Conceição Evaristo e propõe a “fotoescrivência” como caminho para uma pedagogia decolonial. Encontra possibilidades para pensar a formação docente contextualizada com os territórios e com os conhecimentos ancestrais ao identificar “outras” pedagogias, como: resistência, conflito e da terra. Conclui que as experiências de trabalho de campo no âmbito da disciplina são pistas para uma formação mais plural, dialógica e criativa.

Keywords:
environmental education;
popular education;
university; dialogue of

ABSTRACT: The article discusses the experience of the Environmental Education discipline offered to Undergraduate courses at the Federal University of Rio de Janeiro. It questions the absence of “fieldwork experience” and innovative methodologies in the teaching of Biological Sciences. It dialogues with Conceição Evaristo’s “writing

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

knowledge.

experience” and proposes “photowriting experience” as a path to a decolonial pedagogy. It finds possibilities to think about teacher training contextualized with territories and ancestral knowledge by identifying “other” pedagogies, such as: resistance, conflict and land. It concludes that fieldwork experiences within the discipline are clues for a more plural, dialogic and creative formation.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem ganhado força uma série de questionamentos sobre os modos de produção de conhecimentos ancorados numa perspectiva única e centrados na epistemologia da ciência eurocêntrica (MENESES, 2014). Integrado a esse pensamento está o movimento decolonial, que reconhece as diversas formas de opressão promovidas pela dupla modernidade/colonialidade, sobretudo, no contexto do Sul global (QUIJANO, 2005). Dessa maneira, os estudos decoloniais buscam transgredir e superar os impactos epistêmicos e ontológicos gerados por esse sistema (WALSH, 2009).

A corrente de pensamento decolonial está presente em diferentes campos do conhecimento, como na pedagogia (WALSH, 2017). A pedagogia decolonial promove um diálogo dos saberes científicos com saberes populares e busca resgatar conhecimentos que durante séculos foram silenciados. Além disso, essa linha de pensamento busca reorientar o uso dos conhecimentos disciplinares para ressignificar a ordem moderno/colonial, bem como para fomentar a emergência de outros conhecimentos e de outras formas de ser, de estar, de sentir e compreender o mundo (MIGNOLO; VÁZQUEZ, 2017).

Uma proposta importante da pedagogia decolonial consiste em superar o distanciamento entre teoria e prática. Dessa maneira, ela tem sua base em movimentos de ação e criação, por meio da construção de caminhos simples, de reflexão, de escuta sensível, de observação e de vivência (WALSH, 2017). Essa proposta está presente também na ideia de *práxis* de Paulo Freire (1981) que busca integrar no campo da educação a reflexão e a ação, como processos que se complementam.

A decolonialidade consiste em uma construção de pensamento que se deu a partir da busca pela superação das dominações políticas, econômicas, epistemológicas e subjetivas, que se implementaram com a colonização e se perpetuam até os dias atuais (QUIJANO, 2005). Esse processo de dominação multidimensional coloca a Europa e a América do Norte em posições de superioridade e suprime outras formas de conhecimentos relevantes, como os conhecimentos camponeses, indígenas e das populações urbanas periféricas (SANTOS, 2007).

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

A partir de uma práxis orientada ao pensamento decolonial, o Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur – GEASur, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, vem construindo o conceito da *educação ambiental desde el Sur* (SALGADO et al., 2019; RUFINO et al., 2020). A *educação ambiental desde el Sur* tem como base a crítica ao colonialismo e o fomento a processos de(s)coloniais, presentes nas ontologias e epistemologias de grupos que desde a modernidade estiveram à margem do mundo globalizado (RUFINO et al., 2020). Como indicam Salgado e colaboradores (2019), essa perspectiva de educação ambiental (EA) se alinha à diversidade de modos de existência e se contrapõem ao paradigma do progresso e do desenvolvimento, que pauta o modelo de sociedade capitalista neoliberal como referência a ser seguida.

De acordo com Mota-Neto e Streck (2019), a educação popular está imbuída do pensar decolonial e tem como um dos principais teóricos o educador Paulo Freire. A educação popular consiste em um campo orientado para a construção de conhecimentos a partir de experiências que emergem de povos e territórios, respeitando as origens culturais e históricas (WALSH, 2017). Com isso, os processos pedagógicos e de produção de conhecimentos alinhados à educação popular objetivam que os grupos, historicamente silenciados, ganhem espaço de atuação política, compreendendo que esse é um importante passo para que as injustiças globais contemporâneas sejam superadas.

O artigo enfatiza a importância de os processos formativos integrarem o conhecimento científico, sistematizado, com metodologias complementares, a exemplo daquelas que estimulam a criatividade e a imaginação, como a metodologia da “fotoescrevivência” (PELACANI, 2018; PELACANI et al., 2019). A discussão tem como ponto de partida as experiências vividas na disciplina eletiva *Educação Ambiental*¹, oferecida para os cursos de Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no ano de 2019, na cidade de Macaé, Rio de Janeiro. A disciplina foi realizada a partir de uma sequência de aulas de campo, em diferentes contextos fora e dentro da universidade. Tais vivências tiveram como objetivo ampliar a formação nas Ciências Biológicas, ao permitir o contato com realidades locais e seus territórios. Buscou-se a compreensão dos conflitos e das potencialidades socioambientais existentes na região, bem como as histórias dos sujeitos presentes nesses territórios.

¹ A criação da disciplina eletiva *Educação Ambiental* no currículo da Graduação em Ciências Biológicas surgiu com o intuito de fortalecer um espaço para a realização de aprofundamentos teórico-metodológicos do campo e abertura para experiências transversais em contato com os territórios.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

O artigo propõe responder a seguinte questão: Como a EA integrada à metodologia da “fotoescrivência” pode contribuir com a formação nas Ciências Biológicas? O artigo está dividido em três seções. Na primeira seção, descrevemos o referencial teórico-metodológico. Na segunda seção, apresentamos o espaço educativo da disciplina *Educação Ambiental*² na UFRJ onde foram construídos os caminhos para as experiências. Na terceira seção, promovemos uma reflexão com base nos territórios, trazendo as contribuições da EA e das “fotoescrivências” para a formação nas Ciências Biológicas a partir da multiplicação de pedagogias: da terra, dos conflitos e das resistências. Nessa seção, serão apresentadas ainda as categorias que emergiram no âmbito da disciplina e que serão correlacionadas com as “fotoescrivências”, trazendo de volta para o campo acadêmico a experiência vivenciada. A título de considerações finais percebemos que as experiências de trabalho de campo no âmbito da disciplina são pistas para uma formação mais plural, dialógica e criativa.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO: O ENCONTRO COM AS “FOTOESCREVÊNCIAS”

Em busca de tornar o processo formativo atento aos limites dicotômicos da lógica moderna eurocêntrica (ESCOBAR, 2016), seguimos buscando os encontros possíveis. O modo eurocentrado de produção de conhecimento, além de desqualificar e silenciar uma infinidade de epistemologias e ontologias, tem se mostrado incapaz de solucionar os desafios das sociedades atuais, que se expressam nos campos da justiça social, ambiental e cultural (SANTOS, 2007). Logo, se faz necessário que esse modelo seja superado, reconhecendo e amplificando as epistemologias que resistiram frente à opressão capitalista colonial (MENESES, 2014), bem como valorizando outras formas de produzir conhecimentos, próximos à terra e aos que lutam e vivem em sua defesa (ESCOBAR, 2016).

No contexto da valorização de outras epistemologias, a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, refere-se à literatura como um campo em disputa. Nesse sentido, Evaristo apresenta a escrita como uma formação política, representando através de suas palavras pontiagudas as histórias do povo preto, com um recorte especial para as lágrimas e sonhos de mulheres pretas. A escrita, para a autora, é reflexo da vida, uma escrita do que se vive

² As disciplinas aconteceram no ano anterior à pandemia do Covid-19, que se estabeleceu no Brasil em março de 2020. Nesse período, as atividades presenciais, os encontros e os abraços ainda podiam acontecer. Já a escrita deste artigo ocorreu no ano de 2021, em plena pandemia. As trocas entre os autores e o processo de escrita ocorreram integralmente de modo remoto.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

(EVARISTO, 2017). As “*escrevivências* servem também para as pessoas pensarem” (EVARISTO, 2020 s/n), pois para a autora o termo surge a partir das palavras “escrever”, “viver” e “se ver”. A reflexão proposta por Evaristo sobre as *escrevivências* (2006) se embasa na ideia de que o sujeito que *escrevivenciou* determinada narrativa, a faz existir. Trata-se de uma escrita própria e autônoma, um espaço de sentidos e ressignificações. Retratando histórias silenciadas, invisibilizadas e mal contadas sobre o povo preto, é uma denúncia do racismo na literatura da branquitude que deu as costas para saberes e emergências afrodescendentes.

É essencial pontuar que as *escrevivências* são escritas de vivências negras coletivas, entendendo que os sujeitos são partes de grupos sociais e que a história de um é também a história de muitos, ainda que dentro delas exista uma diversidade infinita. A autora nos apresenta assim uma escrita de sujeitos coletivos, como uma prática antirracista e que denuncia os abusos da branquitude, os resquícios da colonização, as violações do patriarcado branco e os limites impostos pelas injustiças e violências. O mais potente em sua literatura preta são os anúncios de diversidade, de outros conhecimentos, de saberes mais justos e da riqueza da cultura afrodiaspórica, a partir de uma escrita feita para incomodar (EVARISTO, 2020).

As “*escrevivências*” de Conceição Evaristo alimentaram a EA enquanto uma possibilidade de metodologia que traz a escrita da vivência da pesquisadora enquanto parte do processo criativo e crítico da investigação acadêmica. Esta metodologia consiste em uma ruptura aos modelos hierarquizados de produção de conhecimentos e de análises de dados, que perpetuam os traços epistemológicos eurocêntricos. Com isso, expressa-se como um processo de narrar as vivências, buscando reflexões coletivas e anúncios de diversidade. A própria ideia de denúncia e anúncio que permeia as “*escrevivências*”, é uma ideia que também é proposta por Paulo Freire, o que nos conecta o campo da literatura com o da Educação Popular. Para Freire (1998) precisamos estar “molhados” pelo tempo que vivemos, reconhecendo suas injustiças e mirando a amorosidade à vida, assim denunciando a realidade se anuncia a boniteza de um mundo melhor que pode estar por vir.

Desta forma, a pesquisa aqui apresentada se embasa na valorização da vivência estudantil universitária. Buscou-se uma metodologia que permitisse a inclusão do máximo possível de elementos presentes nas experiências vividas. Dessa forma, optamos por utilizar a metodologia das “*fotoescrevivências*”, desenvolvida pela pesquisadora Bárbara Pelacani (2019), inspirada em Conceição Evaristo. A “*fotoescrevivência*” consiste em uma

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

metodologia de pesquisa qualitativa que tem como base o uso de fotografias e de narrativas para descrever e analisar as informações de determinado contexto a ser pesquisado (PELACANI et al., 2019). Trata-se de uma metodologia elaborada a partir das “escrevivências” de Conceição Evaristo, uma inspiração para escrita livre, criativa e poética, somada aos registros fotográficos do campo de estudos. Nela a fotografia constitui-se como um dispositivo que fomenta processos dialógicos, alinhados à educação popular, acerca de temáticas socioambientais (PELACANI et al., 2019).

Associada à *fotoescrevivência*, esta pesquisa teve como base a Investigação-Ação-Participante (IAP) (FALS BORDA, 1999). IAP consiste em uma modalidade de pesquisa qualitativa, que se orienta a partir da realidade social e cotidiana dos participantes e se embasa em alguns princípios, como: a superação da distinção entre pesquisador e objeto de pesquisa (grupo ou população a ser estudada), no sentido de valorizar os grupos que integram a pesquisa e os saberes que eles possuem; e a produção de conhecimento a partir da práxis, que consiste na interação entre teoria e prática, sob uma perspectiva de reflexão-ação, que promove uma interação entre conceitos e teorias com as realidades locais (FALS BORDA, 2015 [1979]). Para Marconi e Lakatos (1986), a observação participante se insere no contexto sociocultural do grupo, compartilhando interesses, conflitos, desafios e relações, pressupondo a não neutralidade do pesquisador no que se refere à sua pesquisa.

As metodologias propostas emergem do entendimento da EA conectada à Educação Popular de Paulo Freire e Orlando Fala Borda, campos que buscam o diálogo com grupos sociais e a investigação dos saberes que emergem dos territórios. Elas buscam responder a seguinte questão: como conhecer a práxis desenvolvida em determinado contexto? Como o pesquisador se posiciona e se coloca como ponte entre conhecimentos? Como levar para o papel experiências vividas de forma coletiva? Essas questões movimentam as fotoescrevivências e a IAP, que consistem em metodologias que partem de uma crítica do modelo hegemônico de se fazer pesquisa. Tais metodologias refletem sobre as bases desde onde se constroem os saberes e miram caminhos de justiça ambiental e transformação social, bem como sobre o desafio e a esperança de transpor as barreiras da opressão (FREIRE, 1994).

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O ESPAÇO EDUCATIVO PARA EXPERIÊNCIAS

Em sintonia com os objetivos da educação popular está a construção do campo da EA. Seu desenvolvimento tem origem a partir da busca de propostas para o enfrentamento da crise

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

socioambiental (LIMA, 2011). De acordo com Sato e Carvalho (2005), sua trajetória se dá a partir de múltiplos objetivos e da integração de distintas perspectivas epistemológicas.

Entre as múltiplas perspectivas existentes no campo da EA, como apresentado por Layrargues e Lima (2014) e por Sauv  (2007), esta pesquisa se alinha   *EA desde el Sur* (SALGADO et al., 2019). A partir de uma proposi o de processos pedagógicos contextualizados aos territórios, a *EA desde el sur* consiste em um conceito que articula a EA, na perspectiva crítica, ao conjunto de teorias e práticas desenvolvidas movimento sociais e intelectuais comprometidos com as lutas do Sul global (SALGADO et al., 2019).

A disciplina *Educa o Ambiental*, ministrada no Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem/UFRJ), buscou criar caminhos para uma abordagem transversal, sendo um espaço para experimenta o em busca da interdisciplinaridade. O programa da disciplina   atualizado a cada semestre por professores/as e a participa o discente no curso   o ponto fundamental da sua inova o. No primeiro semestre de 2019, a disciplina foi desenvolvida com a colabora o de três docentes da UFRJ de distintas áreas do conhecimento, reflexo de sua transversalidade (Rafael Nogueira Costa - Ciências Biológicas, um dos autores do presente artigo, Fernanda Antunes Gomes da Costa - Literatura e Vanessa Schottz - Nutri o).

Já no segundo semestre de 2019, a disciplina foi conduzida em colabora o com a Juliane Pereira, mestranda do Programa de Pós-Gradua o em Ciências Ambientais e Conserva o, Felipe Abreu e Louise Salis - primeira autora do presente artigo –, estudantes de Curso de Ciências Biológicas da UFRJ, orientados pelo coordenador da disciplina, o professor Rafael Nogueira Costa.

Nos dois semestres a disciplina buscou criar caminhos para uma abordagem transversal que promovesse a interdisciplinaridade e a aplicabilidade da EA no dia-a-dia dos estudantes. A carga horária correspondeu a sessenta horas, sendo que vinte horas foram destinadas   teoria e quarenta horas foram trabalhadas na prática. A ementa contou com o histórico, as trajetórias e os fundamentos da EA no Brasil, a emergência da questão ambiental, e as conferências internacionais e nacionais em EA. Sua organiza o contemplou a EA formal e não formal, contando com professores convidados, que facilitaram discussões sobre os territórios em disputa, os conflitos, as injustiças socioambientais e as condi es de vida de popula es vulneráveis. O objetivo dessa disciplina foi de articular em termos teóricos o campo da EA, apresentando as diversas abordagens.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Entre os locais onde foram realizadas as atividades de campo estão: i) o **Quilombo Machadinha**, no município de Quissamã; ii) a **Avenida Atlântica**, no bairro Pecado e no bairro Lagomar, Macaé, onde foi abordada a especulação imobiliária sobre a restinga; iii) o **Assentamento do Visconde**, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Município de Silva Jardim; iv) o **Acampamento do MST Edson Nogueira**, que possui uma unidade pedagógica de agroecologia, no município Macaé; v) e a **horta comunitária do Barreto**, bairro onde se encontra localizado o Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ, em Macaé.

Nos momentos após as atividades de campo, os estudantes foram convidados a refletir sobre os territórios visitados e a relatar a vivência na forma de uma atividade avaliativa. Essas atividades puderam ser feitas de forma individual, em dupla ou trio e a forma de avaliação era livre e escolhida pelo estudante. Os trabalhos apresentaram a diversidade visitada em campo, com um caráter muito singular e especial, evidenciando a forma como cada um compreende o mundo, com direito a intervenções artísticas, fotografias, teatro, músicas e escritas poéticas como relatos de experiência. Uma das questões mais discutidas nessa pesquisa foi a forma como essas atividades avaliativas seriam apresentadas, sem que perdesse a riqueza de detalhes, sentimentos e encantamentos ali inseridos.

Desta forma, se concretizou a possibilidade da realização das “fotoescrevivências”, com os escritos e as imagens de Louise Salis. A autora fez seus registros a partir das experiências coletivas com os estudantes, os professores e os sujeitos dos territórios, buscando retratar as vivências pedagógicas elaboradas no âmbito da disciplina no primeiro e no segundo semestre.

A CONTRIBUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS PARA FORMAÇÃO NAS CIÊNCIAS BIOLÓGICAS: A MULTIPLICAÇÃO DE PEDAGOGIAS

A disciplina contou com uma pesquisa de campo conectada às questões socioambientais locais. Como forma de sistematizar os temas trabalhados e de ampliar suas potencialidades de uso no processo formativo, foram desenvolvidas três categorias pedagógicas: a *pedagogia do conflito*, a *pedagogia da resistência* e a *pedagogia da terra*. Tais categorias apresentam diversos pontos de conexão e de sobreposição. Entretanto, suas delimitações possuem um caráter didático e contribuem com o desenvolvimento da análise.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

A *pedagogia do conflito* está relacionada às discussões do campo da EA, em diálogo com a Ecologia Política. Ao olhar para cada território percebe-se uma diversidade de grupos em disputa, com forças diferentes e estruturalmente assimétricas, que incidem sobre o ambiente e geram consequências sociais e ambientais. Essa compreensão considera a natureza como a base ontológica dos seres humanos, e com isso, objetiva investigar os modos como os grupos sociais convivem e promovem disputas pelo ambiente, a partir das dimensões políticas, culturais e econômicas (LOUREIRO; LAYRARGUES, 2013). Nessa dinâmica destacam-se as notórias diferenças em relação ao acesso aos recursos naturais e às exposições aos riscos ambientais (ACSELRAD et al., 2009). Nessa trilha, Martins e Sánchez (2020), refletiram sobre a inserção das dimensões sociais e políticas em torno da natureza nos processos educativos. A partir da pedagogia do conflito percebe-se que a EA se faz ainda mais política. Em sua base estão lutas que educam a partir de uma leitura de campo que tem que ser observado e sentido, com a voz de quem vive (PELACANI, 2019), intimamente conectado com a próxima categoria.

A *pedagogia da resistência* consiste em uma dimensão pedagógica pautada na dinâmica de movimentos sociais e de grupos populares organizados, que lutam pela permanência em seus territórios e pela perpetuação dos seus modos de vida. Sua construção é observada por nós a partir do pensamento decolonial e da Educação Ambiental desde el Sur.

A *pedagogia da terra* consiste em uma categoria pedagógica alinhada às construções do campo da agroecologia. A agroecologia tem origem a partir das ideias de pesquisadores de várias partes do mundo que contestaram o modelo de produção agrícola baseado na monocultura e no uso de agrotóxicos e de fertilizantes sintéticos, e propuseram alternativas baseadas em perspectivas ecológicas da agricultura (MONTEIRO; LONDRES, 2017). Suas inspirações partem dos sistemas de produção desenvolvidos por camponeses e por populações tradicionais, e com isso, contempla as condições sociais e culturais dos agricultores (LEFF, 2002). Uma das bases primordiais da agroecologia consiste no estudo integrado dos processos ambientais e sociais, compreendendo-os como sistemas socioambientais complexos (FLORIANI; FLORIANI, 2010). Com isso, os conhecimentos científicos são unidos aos conhecimentos populares tradicionais (LEFF, 2002). Dessa maneira, a agroecologia tem apresentado uma construção que abrange ciência e lutas sociais, consistindo em uma materialização do pensamento decolonial. Tal construção foi exemplificada pela luta dos quilombos (Machadinho-Quissamã), pela disputa da proteção das restingas (Pecado-Macaé) e

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

pela luta por melhorias nas infraestruturas urbanas (Lagomar-Macaé). Há imbricado aqui também a *pedagogia do conflito* e da *resistência*.

AS FOTOESCREVIVÊNCIAS^{3,4}

As atividades práticas da disciplina, denominadas vivências, contaram com uma programação da pedagogia da resistência presente no Quilombo de Machadinho no município de Quissamã, caminharam pelas trilhas da agroecologia com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra do município de Silva Jardim, no Assentamento do Visconde e do município Macaé, com direito à parada agroecológica no Acampamento Edson Nogueira. A disciplina seguiu seus rumos com a pedagogia dos conflitos, presente nas avenidas Atlânticas, nos extremos de Macaé, de um lado a população vulnerável da praia do Lagomar que resiste e re-existe numa luta pelo território, onde a conservação da natureza grita mais alto do que a voz humana. De outro lado, a população nem tão vulnerável assim, grita, lá na Praia do Pecado. E grita alto por uma preservação da restinga, contra a especulação imobiliária. Faz surgir daí o movimento SOS Restinga do Pecado.



A pedagogia dos conflitos emerge dos territórios em disputa e fica evidente quando os estudantes olham por cima dos muros da universidade, como no mito da caverna de Platão, os alunos conseguem visualizar o que está lá fora na rua da universidade. Ao vivenciar a disciplina de EA no primeiro semestre, despertei! Foi como se eu tivesse visualizado a luz do

³ Por ser uma escrita individual, realizada pela primeira autora do artigo, resolvemos manter em itálico, para evidenciar o processo de reflexão entre o ato de capturar imagens e de dar sentido no texto.

⁴ O tratamento digital das fotografias foi realizado pelo estudante Paulo José da Silva Gonçalves, graduando em Ciências Biológicas, Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da UFRJ, Macaé, Rio de Janeiro.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

conhecimento popular como alternativa acadêmica. E ao contribuir com a disciplina no segundo semestre, convidei os meus amigos estudantes a visualizarem a luz do conhecimento popular, logo ali, nas redondezas da universidade. Sendo assim, os discentes atravessaram a rua e se encontraram na Horta Comunitária do Barreto, espaço de educação popular e viveram a educação ambiental mais bonita, a aplicada. Colocaram a mão na terra e fizeram o resgate de toda a teoria trabalhada dentro de sala. Produziram um projeto de sala de aula aberta dentro do Instituto, sentados em roda, um olhando para o outro e promovendo reflexão que gera ação, o que Paulo Freire chamava de práxis

Os dias vivenciados nos espaços de educação popular aproximou os estudantes, por meio do olhar que foi construído ao longo dos semestres. Poucas disciplinas dialogam sobre o conhecimento presente fora da academia e há poucos convites para gerar reflexão através de ações. E por esse motivo, a disciplina foi capaz de conectar estudantes com propósitos semelhantes, mesmo depois de ter terminado. Nos trabalhos de campo ficou evidente que respeitar o lugar de fala e estimular a escuta sensível é um desafio. E na minha concepção a educação ambiental é isso, um desafio gigantesco e maravilhoso de ser dialogado! Porque com base nessa pesquisa, observando e fotoescrevendo, acreditamos nisso, na apresentação de ideias partindo de uma construção coletiva, que geram diálogos e ações.

Optamos por apresentar duas fotoescrevivências que reúnem a experimentação vivida ao longo de toda a disciplina, a fim de mergulhar nas práticas vivenciadas pela autora Louise. Escolhemos uma descrição específica da prática de campo no Quilombo da Machadinha, em Quissamã, no primeiro semestre de 2019, e outra descrição específica da prática de campo na Horta Comunitária do Barreto, em Macaé, no segundo semestre de 2019.



No quilombo da Machadinha, a simples sombra do Baobá nos remete a ancestralidade, nos encharca de história. Podemos ver as ruínas da casa grande, desmanchando, virando pó, voltando para terra. Mas, para ver as marcas do processo de colonização, precisamos aprofundar nossas sensações, ampliando os canais de percepção. Às vezes, não fica tão evidente as marcas da modernidade/colonialidade, que agem nos corpos e

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

nas mentes. Conforme dialogamos com os moradores do Quilombo, guiados pela narrativa da Janaína, jovem quilombola, percebemos a dimensão política da EA. As marcas ainda estão lá, nas paredes das senzalas, na maneira como o poder público age e principalmente, na resistência que os tambores fazem ecoar.



A visita ao Quilombo consistiu em um resgate histórico decolonial, com direito a uma visita ao Memorial Machadinha e caminhada pelo quilombo. Foi possível nos aproximar da casa grande, em ruínas, que representava bem a inversão dos papéis, visto que a senzala continuava com sua firmeza e força. Lá existe um baobá, conhecida como “a árvore da palavra e da sabedoria”. Oriunda da África, a planta se adaptou bem ao Brasil, com suas raízes entrelaçadas na religiosidade de um povo que tanto crê na renovação e proteção a partir de uma planta. Embora não se tenha dados do plantio, estima-se que a muda foi trazida por escravizados por volta de 1860. Quanta história e cultura essa árvore carrega? Um resgate da relação sapiens – plantae, comovente de se ouvir.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde



Essa vivência permitiu um desencadear de inspirações, nas quais os estudantes conseguiram demonstrar o quão afetados estavam com aquela história.



Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Educadores populares quilombolas compartilhando conhecimento com os acadêmicos. Seu Tidinho, de camisa azul, o mais antigo morador quilombola, com os seus 95 anos de muita garra e história de luta, que foi contada numa roda de conversa debaixo de uma árvore, gerando grandes momentos de reflexão. Estávamos num espaço aberto onde o ensino-aprendizagem se fazia tão presente, que era impossível distinguir o educador do educando, todos eram estudantes e professores, todo mundo estava se educando em comunhão e a configuração de roda só auxiliou no aprendizado, pois, tratava-se de um convite para todos se olharem e refletirem, como dizia Paulo Freire (1987).

De camisa vermelha, o “Seu Zé”, educador popular e agricultor quilombola em sua propriedade rural, explicando diversos conhecimentos de agroecologia para os estudantes. Ele e sua esposa abriram às portas de sua casa e do coração, e promoveram uma conversa com numa mesa farta de sabores da terra, era bolo de aipim, fubá e laranja. Quando observei o todo, vi toda a plantação ao redor, aquele era o cenário perfeito para a contação de histórias. Histórias reais sobre o plantio agroecológico de aipim, banana, jabuticaba, acerola e graviola, e quem duvidou? Provou, sentiu o prazer da experiência, experienciando. No canto direito, Dona Dalma, mulher, professora, contadora de histórias, pesquisadora, diretora do Memorial e educadora quilombola, posando ao lado do projeto “Flores da Senzala”.

A cultura de resistência do Quilombo Machadinha apresentada por Janáina Pessanha Patrocínio, a jovem líder quilombola da comunidade e também educadora popular discorre sobre a sua história, ressaltando as dificuldades na luta pelo reconhecimento e titulação da terra, que até hoje não foi reconhecida formalmente em Quissamã. O “aqui e agora” daquela vivência permitiu que os estudantes se enxergassem naquele território em disputa, no qual a oitava geração de descendentes quilombolas, anos depois, ainda lutam por um pedaço de terra. A jovem Janáina é construção e ressignificou o espaço físico - a senzala - e a transformou num memorial, onde pudesse contar a sua história e preservar a sua cultura. O memorial foi restaurado pela Prefeitura e continha informações sobre a casa grande e a exploração da cana-de-açúcar. Janáina ousou e ressignificou o espaço contando histórias sobre a comunidade quilombola de Machadinha e da senzala. Hoje, essas histórias são contadas por eles, a partir deles e pra eles, no local de fala da resistência.

A segunda fotoescrivência escolhida foi vivenciada em um espaço de educação popular onde a autora se encontrou e se encantou com os primeiros conceitos práticos agroecológicos, se aproximando - desde o primeiro dia como caloura na universidade até o último dia como formanda - de uma biologia mais humana, que vai além do método científico.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde



A prática em campo começou de um jeitinho bem peculiar, silenciando e ouvindo a natureza - nem sempre eu praticava o silêncio, mas a partir do momento em que eu o fiz, percebi, que aprendemos mais escutando do que falando-. Até porque, quem silencia a mente ouve o coração. E seguimos, pós-meditação, para trabalhar a terra. Os alunos desenvolveram, em parceria com os acampados do Edson Nogueira e voluntários da horta, um tipo de plantio de horticultura em mandala, que favorece os consórcios alimentares no cultivo, promovendo uma maior dinâmica e troca de nutrientes com a terra.

Finalizaram a prática em campo com uma oficina de filtro dos sonhos, produzindo mais mandalas e arrematando todos os conceitos vivenciados durante a disciplina. A palavra mandala – que tem diversos significados – para nós durante a disciplina de educação ambiental significou círculo, um círculo de concentração de energia que trazia uma integração harmonizada, que além de unir pessoas, gerava reflexões daquela união.

Dialogar com os alunos sobre o sistema Terra, no qual estamos inseridos encontrar meios de combater o sistema capitalista, que limita o nosso ser com ações de mudança é desafiador e muito gratificante! Influenciar e fazer os discentes se reconhecerem como uma das ferramentas capaz de gerar transformação a partir da ação é a forma mais integrada de se praticar a educação ambiental no dia a dia, principalmente em dias de luta, como os de hoje.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde



RESULTADOS DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL QUE AFETA

“Fotoescrivência” é uma forma transver o mundo, como diria o poeta Manoel de Barros, além de se mostrar como uma metodologia potente para a EA. Ir para o campo em busca de ver o outro, conhecer o outro, escutar o outro é uma maneira de ampliar o conhecimento. No campo da formação nas Ciências Biológicas, as saídas para as aulas de campo foram potencializadas pela escrita livre poética e pela câmera em punho, potencializando caminhos para a multiplicação de mundos, algo tão urgente no momento que o imaginário coletivo está em disputa (COSTA et al., 2021).



Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Assim como nos ensinou Evaristo (2008), escrever está centrado na ideia de construção de narrativas, sentir para narrar. O registro fotográfico é uma construção coletiva, pois se faz em comunhão, mas com ressignificações individuais, por isso autônoma. A “fotoescrivência” foi produzida por quem estava sentindo, vendo e observando atentamente os detalhes e escutando profundamente os silêncios, pois são esses caminhos do afeto que levam as experiências a serem transformadoras.

Identificamos a partir das “fotoescrivências” que as saídas de campo permitiram um desencadear de inspirações, nas quais os estudantes conseguiram demonstrar o quão afetados estavam com aquelas histórias narradas nos territórios. A EA apresenta esse caráter libertador, onde os educadores populares, nesse caso, atores sociais do campo vivenciado, passaram pelo processo de se reconhecerem como sujeitos históricos e se colocarem dessa maneira diante dos estudantes. Pela troca, o compartilhar de experiências promove essa transformação de pensamento que liberta.

Ao entrar em contato às vivências de resistência e de luta comunitária, os/as estudantes, com suas reflexões, trouxeram as conexões e comparações subjetivas em relação ao território quilombola de Machadinha e os demais territórios visitados. A semelhança nas histórias de luta por território aproximava os dois ambientes que se divergiam no tempo. Nas “fotoescrivências” encontramos elementos que dialogam diretamente com as categorias apresentadas na reflexão teórica do presente artigo, em especial com as narrativas do povo preto do quilombo. Apontaremos assim caminhos e fluxos de ideias que se apresentaram através da análise dos conteúdos e da reflexão sobre os processos pedagógicos desvelados.

Consideramos que a pedagogia da terra foi abordada em diversos momentos dos trabalhos de campo, em especial nas vivências de agroecologia, nas experimentações na horta e no contato com plantações, agricultores e quilombolas. A perspectiva da terra aparece nas fotoescrivências especificamente quando se trata da aplicação da EA, ao plantar e colocar a mão na terra, ao tocar as plantas. Tal pedagogia aparece também nitidamente nas imagens, no chão dos territórios, na cor e nas texturas orgânicas muito presentes. Destacamos ainda a forte conexão da categoria da pedagogia da terra com a agroecologia, que vai aparecer nas vivências através de sua importância no processo de educação popular, de saúde e enquanto política pública.

A pedagogia do conflito aparece enquanto conceito retratado na situação de vulnerabilidade de populações que re-existem na luta pelo território e pela conservação da

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

natureza. A evidência dos conflitos ambientais observados desde a perspectiva dos sujeitos que atuam e se posicionam diante deles é uma potência para a Ecologia Política, para Educação Popular e para a EA, pois tradicionalmente na nossa sociedade capitalista neoliberal os conflitos aparecem nos discursos hegemônicos retratados desde a perspectiva dos dominadores, das empresas, do poder público. Raramente as narrativas, as formas de vida e as necessidades das comunidades são descritas nos meios de comunicação, nos projetos de desenvolvimento ou nos processos de políticas públicas de apropriação do território, e até mesmo nas salas de aula universitárias. Os espaços acadêmicos pouco contam com materiais produzidos desde as perspectivas do conhecimento popular, dos saberes que emergem no território. Um exemplo desse conhecimento que parte da vivência no território que elucida a pedagogia o conflito aparece na fotoescrivência do quilombo da machadinha: “Podemos ver as ruínas da casa grande, desmanchando, virando pó, voltando para terra.” Descrevendo as marcas do processo de colonização, ainda presentes nos territórios.

Com a categoria da pedagogia da resistência miramos o posicionamento dos sujeitos observados nos relatos das vivências. A resistência aparece enquanto uma alternativa, um meio de combater o sistema capitalista que limita o nosso ser mais. Ela pode levar ao despertar, um processo de reconhecimento da realidade e compreensão da capacidade de atuar diante dela. Uma compreensão crítica do mundo que denuncia os conflitos e anuncia possibilidades de resistir a partir da educação, do olho no olho, da conexão de saberes e da abertura para novos espaços de ensino/aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou oferecer caminhos para a ampliação de possibilidades no campo da formação docente, bem como da formação em Ciências Biológicas e em Educação Ambiental. Encontrar novos caminhos é uma tarefa coletiva, principalmente no retorno às atividades presenciais pós pandemia do Covid-19. Andarilhar pelo povo, conhecer as realidades do entorno da universidade, para assim, se comprometer com as suas lutas, é uma tarefa essencialmente política. Por isso, bela!

Os encontros e os encantamentos ampliam as experiências na universidade e, dessa forma, podem proporcionar uma proliferação de imaginações ativas. Ideias trocadas são fluxos inovadores para formação, e daí surgem novas pedagogias.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Paulo Freire, com a sua reflexão e experiência de andarilhagem, nos conduziu para fora da universidade, em busca da nossa ampliação de mundos. Acreditamos que as experiências vivenciadas nas atividades de campo, apresentaram um significativo potencial para os pressupostos da EA. Através de pedagogias que afetam, definidas aqui como a *Pedagogia do Conflito*, *Pedagogia da Terra* e *Pedagogia da Resistência*, percebemos o potencial de transformação social provocado pela disciplina *Educação Ambiental*, realizada por docentes, discentes e pelas comunidades e territórios encontrados nas suas vivências. Em diálogo com esses processos pedagógicos, a metodologia da “fotoescrivência” apresentou o seu potencial de integrar os saberes populares, presentes nos territórios, às estruturas disciplinares da universidade. Com isso, esta metodologia se apresenta como uma proposta criativa e inovadora, capaz de superar as injustiças sociais, ambientais e cognitivas.

Neste artigo, saberes diversos se conectaram e se expressaram como forma de apresentar conhecimentos interdisciplinares, que não estão registrados nos livros e que vêm sendo cada vez mais escutados pelas universidades. Caminhamos para encontrar propostas possíveis de integrar territórios, lutas e formas de viver. Não chegamos no final da caminhada. Muitas outras estradas ainda estão por aí para serem descobertas, imaginadas e vividas.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos pelas bolsas CAPES concedidas à Bárbara Pelacani no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e ao Paolo Martins, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Agradecemos a Jovana de Azevedo, coordenadora do Jongô da Machadinha e a cada sujeito histórico envolvido nessa pesquisa.

Em memória de dona Guilhermina - dona Cheiro -, mestre do Quilombo da Machadinha.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; CAMPELLO, C.; BEZERRA, G. **O que é Justiça Ambiental**. 1º. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

COSTA, R.N.; SANCHEZ, C.; LOUREIRO, R.; SILVA, S. L. P. **Imaginamundos: Interfaces entre educação ambiental e imagens**. 1º. ed. Macaé (RJ): Nupem/UFRJ, 2021. 461p. Disponível em: <https://nupem.ufrj.br/imaginamundos/>. Acesso em: 31 ago. 2021.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: Las luchas territoriales y la dimensión ontológica de las epistemologías del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016. Disponível em: <http://www.aibr.org/antropologia/netesp/numeros/1101/110102.pdf>

EVARISTO, C. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

_____. **Becos da Memória**. 200p. Rio de Janeiro: Pallas. 2017.

_____. **As escrituras servem também para as pessoas pensarem**. Reportagem do Itaú Cultural. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escritura-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em junho de 2021.

FALS BORDA, O. Orígenes universales y retos actuales de la IAP. **Análisis Político**, n. 38, p. 73-90, 1999. Disponível em:

<https://revistas.unal.edu.co/index.php/anpol/article/view/79283/70535>

_____. Cómo investigar la realidad para transformarla, 1979. In: Fals Borda, O. **Una sociología sentipensante para América Latina**. MONCAYO, V. M. Antología - México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

_____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

_____. Denúncia, anúncio, profecia, utopia e sonho. In: BRASIL; SENADO FEDERAL. **O livro da profecia: o Brasil no terceiro milênio**. Brasília: Coleção Senado, 1997.

FLORIANI, N.; FLORIANI, D. Saber Ambiental Complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 3-23, 2010.

Disponível em: <http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/9529>

GUIMARÃES, M. Por uma educação ambiental crítica na sociedade atual. **Revista Margens Interdisciplinar**, n. 9, p. 11-22, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistamargens/article/view/2767>

LAYRARGUES, P.; LIMA, G. As macro-tendências político-pedagógicas da educação ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, 17, 1, 23-40, 2014. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/asoc/a/8FP6nynhjdZ4hYdqVFdYRtx/?format=pdf&lang=pt>

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.** Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002. Disponível em:

http://taquari.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano3_n1/revista_agroecologia_ano3_num1_parte08_artigo.pdf

LIMA, G.F.C. **Educação Ambiental no Brasil: Formação, identidades e desafios**. Campinas: Papyrus, 2011.

LOUREIRO C.F.B.; LAYRARGUES, P. Ecologia política, justiça e educação ambiental crítica: perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, p.

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

53-71, 2013. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tes/a/8VPJg4SGvJLhcK3xcrrnHRF/?lang=pt>

MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1986.

MARTINS, P.; SÁNCHEZ, C. Educação ambiental escolar: caminhos e cruzamentos rumo à educação ambiental crítica. **Educacione Aperta**. n. 7, p 201-222, 2020. Disponível em:

<https://zenodo.org/record/3992513#.YS6b3Y5KhPY>

MENESES, M. P. Diálogos de saberes, debates de poderes: possibilidades metodológicas para ampliar diálogos no Sul global. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 91, p. 90-110, 2014. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2490>

MIGNOLO, W; VAZQUEZ, R. Pedagogía y (de)colonialidad. In. WALSH, C. **Pedagogías Decoloniales, Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017.

MONTEIRO, D.; LONDRES, F. Pra que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no brasil. In. Sambuichi, R.H.R. Moura, I.F., Mattos, L.M., Ávila M.L., Spínola P.A.C., Silva, A.P.M. (Orgs.) **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável**. Brasília: Ipea, 2017.

MOTA-NETO, J.; STRECK, D. Fontes da Educação Popular na América Latina: contribuições para uma genealogia de um pensar pedagógico decolonial. **Educar em Revista**. v. 35, n. 78, p. 207-223, 2019. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/65353>

PELACANI, B. **As lutas que educam na América Latina: a educação ambiental que emerge do conflito pela água em Cachoeiras de Macacu com um olhar desde a Colômbia**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

PELACANI, B.; OLIVEIRA, C. A. G.; SÁNCHEZ, C. La educación de ambiental de base comunitaria que emerge del conflicto con la represa hidroeléctrica de El Peñol, Colômbia.

Revista Perspectivas Educativas, v. 8, p. 1-304, 2019. Disponível em:

<http://revistas.ut.edu.co/index.php/perspectivasedu/article/view/1890>

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In. LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. CLACSO: Buenos Aires, 2005. Disponível em: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

RUFINO, L. RENAUD, D.; SÁNCHEZ, C. Educação Ambiental Desde El Sur: A perspectiva da Terexistência como Política e Poética Descolonial. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**. v. 7, p. 1-11, 2020. Disponível em:

<https://seer.ufs.br/index.php/revisea/article/view/14520>

SALGADO, S.; MENEZES, A.; SÁNCHEZ, C. A colonialidade como projeto estruturante da crise ecológica e a Educação Ambiental desde el Sur como possível caminho para a

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

decolonialidade. **Revista Pedagógica**. v. 21, p 597-622, 2019. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/5025>

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt>

SATO, M.; CARVALHO, I. **Educação Ambiental: pesquisa e desafios**. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In. Sato, M.; Carvalho, I.C.M. (Org.) **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

WALSH, C. Interculturalidade, crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, V. (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

_____. Lo pedagógico y lo decolonial. Entretejiendo caminos. In.: Walsh, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2017. Disponível em: <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libreria/350.pdf>

SOBRE AS AUTORAS E SOBRE OS AUTORES

LOUISE MACIEL SALIS

Bacharel em Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

DALMA DOS SANTOS RICARDO

Escritora, Professora e Contadora de história. Diretora do Memorial Machadinha, Quissamã/RJ. Idealizadora e Coordenadora do Projeto Flores da Senzala desde 2015. Desenvolve ações educativas junto com os contadores de história, griôs, e os mestres do Jongo, especialmente Leandro, o mestre do tambor e seu Tidi, o griô mais antigo da comunidade.

JANAÍNA PESSANHA PATROCÍNIO

Jovem líder quilombola da Machadinha, Quissamã/RJ. Desenvolve ações educativas no Projeto Flores da Senzala.

PAOLO DE CASTRO MARTINS

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. Possui mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Práticas em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2015) e graduação (bacharelado e licenciatura) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Fluminense - UFF (2013 e 2016). É integrante do Grupo de Estudos em

Questão Ambiental e Promoção da Saúde

Educação Ambiental desde el Sur - GEASur/UNIRIO, da Rede Internacional de Estudos Decoloniais na Educação Científica e Tecnológica - RIEDECT, da Associação Brasileira de Agroecologia e da Rede Carioca de Agricultura Urbana. Tem interesse nas áreas de Educação Ambiental, Educação Popular, Estudos Decoloniais, Ecologia Política e Agroecologia.

BÁRBARA PELACANI

Bárbara Pelacani é Bióloga, bacharel e licenciada, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2009), com pós-graduação em Planejamento e Gestão Ambiental pela Universidade Veiga de Almeida (2015). Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2018). Doutoranda em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social no programa EICOS da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2019). Integra o Grupo de Estudos em Educação Ambiental desde el Sur - GEASur, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO (2014 - atual). Atuação na área de Psicossociologia e Educação, com ênfase em questões de Ambiente e Sociedade. Tem experiência nas áreas de Educação Popular, Psicossociologia de Comunidades, Educação Ambiental, Gestão Ambiental Pública, Artes Visuais e Metodologias Participativas.

RAFAEL NOGUEIRA COSTA

Possui Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/2005), Mestrado em Engenharia Ambiental pelo Instituto Federal Fluminense (IF Fluminense/2010) e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Meio Ambiente pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ/2016). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes/2020). Professor Adjunto na Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade (Nupem/UFRJ). Orienta pesquisas nos seguintes programas: Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPGCiAC) e Programa de Pós-Graduação Profissional em Ambiente, Sociedade e Desenvolvimento (PPG-ProASD), ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro em Macaé (RJ). Pesquisador vinculado aos seguintes grupos: i) Grupo de Estudos em Educação Ambiental Desde el Sur (GEASur/Unirio), ii) Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte (GPEA/UFMT) e iii) Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia, Educação e Linguagens (Nepefil/Ufes). Desenvolve pesquisas nos seguintes temas: i) cinema, educação e ambiente; ii) educação ambiental; iii) imaginário e formas de viver e iv) sustentabilidade.